

Título	O elogio ao descontínuo	Autor	Jailton Moreira
Data	2016	Artista	Lucia Laguna
Publicação	MOREIRA, Jailton. <i>Enquanto bebo a água, a água me bebe</i> . Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio, 2016. (texto de exposição)		

O elogio ao descontínuo

A obra de todo artista é uma aventura, uma trajetória, um arco. Por qualquer uma das pontas desse arco podemos começar um jogo imaginativo retrospectivo ou prospectivo confrontando obras desses dois extremos. Na exposição "Enquanto bebo a água, a água me bebe", Lucia Laguna nos oferece um grupo de quase trinta obras que compreende o período dos últimos doze anos de intensa produção com um foco nos dois anos mais recentes. O que temos pela frente não é exatamente uma retrospectiva, mas é Laguna exibindo suas novas telas junto a um precioso grupo de obras mais antigas propondo uma reflexão contextualizada. O momento é propício para entender como ela desdobrou seu trabalho inicial ou como essas obras recentes se conectam com interesses permanentes e inauguram focos inéditos de atenção. Como, doze anos atrás, poderíamos imaginar os desdobramentos futuros da sua pesquisa ou como, hoje, adivinhar as raízes de sua produção atual? Quem poderia prever ao olhar suas primeiras telas sobre a Linha Amarela e a Linha Vermelha dos elevados do Rio de Janeiro que iria se defrontar anos mais tarde com uma luta de samurais diante da grade arquitetônica de uma pacífica casa de chá japonesa? Para começar esse jogo, confrontemos, por exemplo, obras como "Paisagem nº95" (2016) e "Entre a Linha Vermelha e a Linha Amarela nº34" (2004). Sem dúvida teremos um grande estranhamento e uma dificuldade de reconhecimento imediato entre ambas. Estranhamento que só demonstra a qualidade de uma artista que consegue tensionar a linha de sua trajetória sem rompê-la. Porém, se após colocarmos lado a lado dois extremos resolvermos seguir os rastros, veremos que a coerência do desenvolvimento de um raciocínio plástico é que garante essa flexibilidade.

Lucia Laguna tem uma trajetória peculiar por ter iniciado tardiamente seu envolvimento com arte. Depois de aposentada do magistério se direcionou para a pesquisa artística com um apetite juvenil. A suposta desvantagem dessa uma formação tardia é revertida com a sabedoria de quem tem uma densidade de vida e reconhece o tempo como um amigo que sabe apontar o que é realmente relevante. Por outro lado esse camarada não lhe dará um minuto de trégua. Precisou criar estratégias para acelerar sua produção. Uma delas envolve uma pequena equipe de ajudantes que começam as pinturas a partir de temas e motivos propostos por Lucia, mas sem seu controle. Esses colaboradores executam as primeiras camadas com tinta acrílica. A artista demonstra uma disponibilidade para o diálogo com diferentes gerações com outras formações e vontade de incluir novos traços e estilos. A pintura passa a ser o campo político de interlocuções imprevistas. O gesto nasce da escuta dessas diferentes vozes, de aceitar, negar, ponderar, frisar e organizar os choques inevitáveis sem um apaziguamento neutralizante. Sua caligrafia de pinceladas amplia-se com as contribuições da turma que colabora com provocações e armam ciladas nas bases das pinturas para Lucia Laguna driblar com a ginga necessária. Permeabilidade é condição, improvisado é resposta. O imprevisto torna-se o resultado no seu sentido literal - condição de um sistema não projetável.

Nas primeiras pinturas o tema recorrente é o que Lucia Laguna observava através do enquadramento da janela do seu estúdio: o morro da Mangueira, a organização caótica do subúrbio carioca. Cada tela funciona como um recorte de olhares multifacetados que circunscreve uma lógica que vaza pelas bordas e possibilita seguirmos imaginando essas arquiteturas. Em outra série, o próprio estúdio, esse lugar onde o olhar se situa, ou sua casa e jardim passam a ser investigados com a minúcia de um dissecador de corpos, ocupado no mergulho vertiginoso da sua tarefa e atento aos rejeitos dessa operação. É uma organização de contingências, gerando arranjos aparentemente desordenados. Ela trabalha girando as telas, adiando o momento de estabilizá-las e assim determinar - esta é a parte de cima, essa é a

Título	O elogio ao descontínuo	Autor	Jailton Moreira
Data	2016	Artista	Lucia Laguna
Publicação	MOREIRA, Jailton. <i>Enquanto bebo a água, a água me bebe</i> . Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio, 2016. (texto de exposição)		

parte de baixo. Nas obras recentes o quadro é trabalhado como uma espécie de recipiente onde tudo deve ser contido. Portanto, depois de determinar o prumo de cada tela, na base de algumas, ela acumula os fragmentos de suas ações. Lúcia não cessa de ver e rever seus motivos, reavaliar suas escolhas e aproveitar os resíduos. Evoca coisas tão díspares como os baixos-relevos representando despojos de guerra que aparecem em algumas colunas heroicas, como a Coluna de Trajano em Roma, ou as pinturas dos anos 70 de Philip Guston. Aqui são apenas seus monturos, seus trastes, suas tranqueiras, seus fragmentos amados, mas nem por isso adulados. Tudo aquilo que é tão íntimo que justamente permite que seja tratado sem qualquer cerimônia e não requer que seja nominado.

O orientalismo das pinturas recentes está bem distante dos exemplos dessa influência na história da arte brasileira. Não cabe lembrar as chinesices do altar da igreja de Nossa Senhora do Ó em Sabará ou as brumosas paisagens de Guignard ou mesmo o expressionismo caligráfico de pintores nipo-brasileiros. Temos que recorrer à variedade compactada de estampas nas gravuras orientais turbinadas pela estética dinâmica dos mangás (histórias em quadrinhos japonesas) numa concepção ambígua de espaço que já habitava suas pinturas. Essa ambiguidade é análoga às batalhas de Paolo Uccello onde o plano de fundo da tela comprime as figuras na superfície, achatando a figuração, ao mesmo tempo que fragmentos de perspectivas vertiginosas sugam o olhar para recantos específicos - tudo seguindo uma lógica que abraça as oposições. O historiador Giorgio Vasari conta que o amigo de Uccello, o escultor Donatello, dizia algo mais ou menos assim: *Paolo todos usam a perspectiva para explicar e você a usa para confundir!* Justamente como Lucia Laguna usa esses fragmentos perspectivos. São fugas possíveis do esfacelamento de planos derivados de uma pressão em direção à superfície da tela. As figuras se comportam como GIFs animados. A artista agrupa tudo isso com premência - como um adolescente arrumando às pressas o seu quarto ou um refugiado recolhendo seus pertences para poder seguir adiante. A urgência confere uma qualidade de ruína a este material. Não é a ruína daquilo que foi destruído ou corrompido. Encontramos aqui algo mais próximo da ideia romântica da ruína construída como uma estética do tempo.

No filme "Yojimbo" de Akira Kurosawa (1961) um ronin (samurai errante) interpretado por Toshiro Mifune, chega a uma pequena vila no interior do país. O poder local é disputado sangrentamente por dois clãs. O samurai passa o filme vendendo seus serviços de matador para os dois senhores inimigos e jogando um contra o outro. Usa sua habilidade com a espada e as artimanhas de traição até que reste uma devastação total. Essa metáfora pode ser usada para pensar a maneira como Lucia Laguna convive com uma pesada lista de senhores: Rogier van der Weyden, Matisse, Richard Dibenkorn, Philip Guston, Turner, Uccello, Manet, Utamaro, Sean Scully, Baldessari, Morandi, Cézanne. Eles compõem um grupo que parece difícil de aproximar, mas que poderia ser resumido em uma expressão - tradição da pintura ocidental. Lucia não se subjugua a essas referências. Ela não é ingênua de idealizar encaixes perfeitos e pacíficos. A artista manipula suas influências provocando acidentes a cada centímetro da pintura transformando-a num campo de batalha, um território cinético de descontinuidades articuladas, onde pequenos ajustes e desajustes se intercalam. Nesse conjunto de novas pinturas, o Japão subitamente reencarna num atelier no bairro São Francisco Xavier no Rio.

O título da exposição "Enquanto bebo a água, a água me bebe", que frisa a consciência de uma artista que entende o lugar que ocupa entre o universo que a motiva e o universo que cria, pode sugerir enganosamente um estado de tranquilidade estável. Porém, basta observarmos sua pintura para ver que essa tranquilidade é conquistada e mantida por uma peleja constante - uma construção e desconstrução cotidiana feita a cada golpe de pincel.